



Plantas que curam: o saber ancestral de mulheres indígenas tremembé da Barra do Mundaú-CE

The ancestral knowledge of Tremembé indigenous women from Barra do Mundaú - CE

FERNANDES, Suyane de Lima Reis¹; ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite²; MOURA, Bianca Coelho³; SANTOS, Maria Neila Ferreira dos⁴; FERNANDES, Luis Eduardo Sobral⁵

¹Coordenação executiva CETRA, suyane@cetra.org.br; ²Membro Interno e Professora da FIOCRUZ Brasília, gemaesmeraldo@gmail.com; ³Pesquisadora FIOCRUZ Brasília, biancacm2004@gm.com;

⁴Coordenação executiva CETRA, neila@cetra.org.br; ⁵Coordenação executiva CETRA, luiseduardo@cetra.org.br.

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo: Biodiversidade e bens comuns dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: Este trabalho é parte de dissertação de mestrado e buscou analisar os saberes e práticas de cura da medicina indígena no município de Itapipoca, Ceará. Os sujeitos da pesquisa são mulheres indígenas detentoras de saberes ancestrais e profissionais de saúde indígena. A pesquisa foi de natureza qualitativa e teve a observação de campo e o estudo de caso como estratégias. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Buscou-se investigar e interpretar os fatos sociais e os sentidos atribuídos ao uso das plantas medicinais. Dentre os resultados alcançados destacam-se: a utilização de plantas medicinais relacionadas à identidade cultural indígena; a manutenção de conhecimentos ancestrais passados de geração a geração; a contribuição da medicina indígena para promoção da saúde no território e para a manutenção da biodiversidade local; a equipe de saúde indígena incorpora a medicina tradicional.

Palavras-chave: medicina indígena; território; promoção da saúde; políticas públicas em saúde.

Introdução

No Brasil, quando se analisa os antecedentes do uso das plantas medicinais, é possível identificar a contribuição de diferentes grupos étnicos na formação dessa cultura, com práticas representadas por raizeiros/as, mezinheiras, curandeiras, parteiras, entre outros.

Entre os povos indígenas que aqui viviam, o manejo das plantas medicinais era uma prática comum utilizada em rituais de cura e nas atividades domésticas exercidas pelas mulheres relativas aos cuidados com a saúde.



As mulheres indígenas sempre tiveram um papel fundamental na defesa de seus territórios, da natureza e da vida dos povos originários, reconhecendo-se na sua ancestralidade, os saberes e práticas de cura sobre o uso de plantas medicinais.

Os conhecimentos relacionados ao uso das plantas medicinais, são usados por essas mulheres de diversas etnias no Brasil. A maioria delas têm em seus sistemas produtivos, muitas plantas que utilizam para tratamentos de doenças diversas conhecendo suas propriedades de cura (NÓBREGA, 2021).

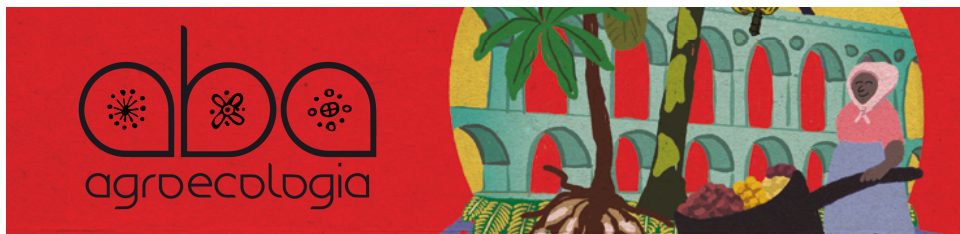
Entretanto, desde o período colonial, suas trajetórias de luta, muitas vezes têm sido silenciadas. Sua invisibilidade é fruto da invisibilidade dos povos indígenas, mas pesa mais às mulheres devido ao seu gênero (LASMAR, 1999). Reconhecer a necessidade de visibilizar essas mulheres, é uma forma de evitar os estereótipos que recaem sobre elas e valorizar as diversas experiências sociais que elas desenvolvem.

O conhecimento da medicina indígena, tem se construído ao longo dos anos, como resultado de relações individuais e coletivas que se estabelecem com a natureza, dado que o processo de saúde-doença para os povos indígenas, não se organiza como algo autônomo ou isolado, visto que dialoga com relações sociais, relações com a natureza, com a cosmologia, a organização social e o exercício do poder (ARAUJO, 2017).

A partir das mudanças sociais e históricas na constituição da sociedade brasileira, com a promoção da “aculturação” da medicina local conforme as novas tendências do saber médico europeu, foi-se estabelecendo a medicina científica e sua diferenciação da medicina popular.

Esse modelo biomédico caracterizado no saber clínico, racional, experimental e hospitalocêntrico que fragmenta corpo e mente, ganha força, funda e alimenta o paradigma da produção da saúde pautada em interesses mercantis que interfere e incide na autonomia e produção dos saberes dos povos indígenas.

Buscando visibilizar saberes e práticas da medicina indígena sob o exercício das mulheres e o direito de uso que o povo Tremembé da Barra do Mundaú têm de exercer esse conhecimento e perceber seus benefícios, este estudo se propôs, dentro de um contexto adverso de recrudescimento das políticas públicas e perseguição aos direitos dos povos indígenas e em meio a pandemia da Covid-19, refletir sobre os trabalhos realizados pelas mulheres indígenas Tremembé da Barra do Mundaú na perspectiva de contribuir para discussão e conexão de conhecimentos entre a prática ocidental de saúde e a medicina indígena, além de contribuir para o fortalecimento de políticas públicas já instituídas no território.



Metodologia

A pesquisa ocorreu na Terra Indígena (TI) dos Tremembé da Barra do Mundaú, localizada no município de Itapipoca, litoral Oeste do Estado do Ceará que dista 150 Km de Fortaleza, tem 3.580ha e é composta por quatro aldeias sendo elas: Buriti do Meio; Buriti de Baixo; Munguba e São José. Embora tenha sido iniciada no contexto da pandemia da Covid-19, o período de campo só foi realizado após aprovação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa-CONEP, entre setembro de 2022 a janeiro de 2023.

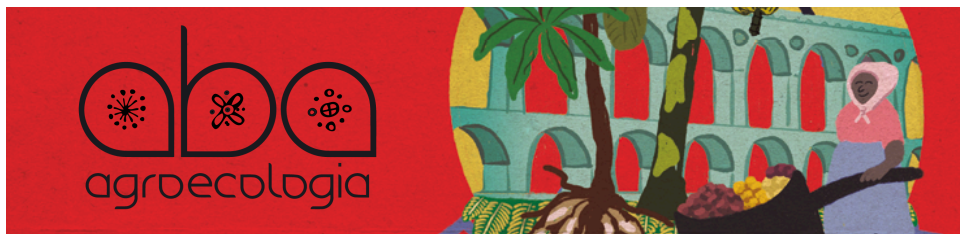
Foram entrevistadas 06 (seis) mulheres Tremembé, detentoras de conhecimentos no uso das plantas medicinais. Elas foram indicadas por duas lideranças femininas do território e que igualmente integraram a pesquisa. Contou-se com pelo menos uma representação de cada aldeia. Os 03 (três) profissionais deste estudo, foram indicados pelo Conselho Indígena Tremembé de Itapipoca - CITI. Buscou-se que, pelo menos, um profissional fosse não indígena.

Este trabalho tem caráter qualitativo e assume o estudo de caso e a observação de campo dentre seus métodos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com todos os sujeitos deste estudo e quando necessário foi realizada entrevista remota. No período pós pandemia foram realizadas caminhadas de percurso e rodas de conversa com as mulheres como métodos qualitativos intrínsecos e essenciais na observação de campo e na troca de diálogos que confirmaram compreensões. O WhatsApp e as chamadas de telefone e reuniões remotas também integraram este estudo contribuindo valorosamente para diálogos introdutórios e de complementação de informações.

A triangulação de métodos qualitativos tornou possível a percepção da realidade sob diferentes ângulos, minimizando resultados de uma única perspectiva de análise.

Na análise das narrativas contou-se com o suporte do soft MAXQDA e para a elaboração dos gráficos e inserção de informações complementares no âmbito dos agroecossistemas das mulheres, foi usado o Sistema Agroecológico de Conhecimento Integrado – SACI, do Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador e à Trabalhadora - CETRA, instituição de vínculo laboral da pesquisadora e entidade de Assessoria Técnica ao povo Indígena Tremembé da Barra do Mundaú.

A revisão de literatura e a pesquisa bibliográfica, assim como os diálogos que se estabeleceram com entidades representativas do povo, iniciaram esse estudo, constituindo um campo importante, balizador na escolha de autores e autoras referenciados e na validação da própria pesquisa.



Resultados e Discussão

As seis (06) mulheres que integraram essa pesquisa têm idade entre 40 a 66 anos e disseram receber algum tipo de benefício social na família. Quatro (04) mulheres se autodeclararam raizeiras e trabalham com a feitura de garrafadas. Três (03) destas, fazem também o lambedor. As outras duas (02) mulheres disseram trabalhar com as ervas sob a forma de chás, infusões, banhos de limpeza e rezas. Três (03) mulheres declararam terem desenvolvido o ofício de parteiras e quatro (04) mulheres falaram sobre os encantados e como a crença e a relação com essas entidades é fundamental dentro do processo de cura. Todas as mulheres se autodeclararam agricultoras. Cinco (05) mulheres encontram-se na luta direta em defesa de seu território e cultura. Duas (02) destas, são as lideranças de seu povo. Os profissionais de saúde entrevistados foram três (03), sendo duas (2) mulheres indígenas e um (1) homem não indígena. Com faixa etária entre 29 a 42 anos e que atuavam na equipe há pelo menos 6 anos.

Identificou-se que o trabalho de organização social, produtivo, político, cultural dessas mulheres é essencial para o movimento indígena como um todo. Sua forma de organização coletiva, vinculadas ao CITI, Entidade representativa do povo Tremembé, aos grupos de mulheres do Território, (sendo 03 grupos) e a Articulação de Mulheres Indígenas do Ceará (AMICE), aponta para a força de sua incidência na luta pela demarcação de seu território, no enfrentamento ao colonialismo, à opressão e diversas formas de violência e violação dos direitos dos povos indígenas. Sua articulação em organizações e/ou redes têm atribuído visibilidade ao seu protagonismo e ao movimento indígena.

Constatou-se de um lado que as práticas de cuidado no âmbito da medicina indígena são importantes instrumentos de promoção da saúde, propiciando, autonomia e sustentabilidade para o povo Tremembé. O conhecimento acerca das plantas medicinais, demarca que seu uso é um traço cultural das mulheres indígenas Tremembé, que não apenas é reproduzido, mas continua sendo experimentado por essas mulheres, cujas práticas vão apresentando transformações por meio de suas ações. São algumas práticas desenvolvidas pelas mulheres, os rituais de limpeza e de reza ou benzedura na casa de cura, na mata, nas dunas, nos córregos e espaços coletivos, a preparação do alimento que é sagrado para seu povo, a preparação de garrafadas, óleos, chás e infusões.

Identificou-se tanto por parte das mulheres, quanto dos profissionais de saúde, uma relação dialógica e de vivências com a saúde na sua perspectiva mais integral e holística, na qual corpo e espírito estão intimamente ligados à natureza. Essa natureza, aparece como estrutura fundamental da vida social da comunidade, sendo parte de suas crenças, conhecimentos e modo de vida, revelando a relação de intimidade e respeito com esta.

Revela-se uma forte interação das mulheres com a terra, tendo esta, um sentido que vai para além da produção de alimentos.



Foram identificadas 41 espécies medicinais entre plantas e frutas sagradas no entorno dos quintais, nas áreas sagradas e coletivas. Algumas plantas são coletadas em áreas de matas fechadas. Dentre as espécies identificadas nesse

estudo e sobre seus usos destacam-se: o batiputá, usado tradicionalmente em processos inflamatórios e como alimento; o murici que fortalece a imunidade e previne alguns tipos de inflamação, como a da pele, sendo usado ainda para fazer doces, sucos e na composição do aluá; a vassourinha, uma raiz muito utilizada para combater pancadas e hematomas, amplamente conhecida pelo seu efeito anti-inflamatório e analgésico; a pepaçonha, usada contra intoxicação; o manjerição, adotado como expectorante e na cura de aftas e dores de garganta; a malva, usada especialmente contra prisão de ventre; o açafraão, adotado para o controle do colesterol, da glicose, auxiliando na digestão alimentar e sendo também compreendido como um antidepressivo; a alfavaca usada no banho de limpeza, nas benzeduras e para melhorar a condição respiratória; o alecrim pimenta que tem suas folhas e flores usadas contra fungos e micróbios em geral; a corama, muito usada na composição do lambedor e nas garrafadas servindo para combater a gastrite e problemas respiratórios.

Percebe-se que os profissionais de saúde entrevistados têm apropriação da dinâmica da medicina indígena, reconhecem e valorizam esses conhecimentos e práticas, sendo importantes para ações e projetos de promoção da saúde conforme a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas - PNASPI. Confirma-se que as políticas públicas de atenção à saúde indígena ao irromperem nos contextos locais, impactam, de um lado nas práticas e na organização sociocultural dos cuidados, de outro, os povos indígenas se reapropriam dessas políticas atribuindo a elas aquilo que faz sentido em suas vidas (FERREIRA, 2013). Percebe-se aí um intercâmbio de saberes entre a biomedicina e a medicina indígena.

Algo importante para fazer viva as práticas no uso das plantas medicinais no Território Tremembé, diz respeito a uma interação com a juventude local, sendo esta apontada como essencial na transmissão dos conhecimentos.

Conclusões

O Estudo confirma a importância da medicina tradicional na promoção da saúde do povo indígena Tremembé da Barra do Mundaú, assim, como a importante função social e política que as mulheres Tremembé desenvolvem em seu território.

A constituição do setor de saúde indígena se configura importante passo para o reconhecimento das práticas da medicina tradicional, sendo resultante da luta indígena ao longo de anos buscando proteger sua cultura, com o apoio de movimentos sociais, organizações da sociedade civil, pesquisas e instituições.



Nesse sentido é possível afirmar que há uma agenda positiva no interior dessas lutas sociais, as quais têm incorporado leis enquanto políticas públicas. Espera-se que esse estudo possa contribuir tanto para visibilizar os trabalhos desenvolvidos por mulheres indígenas em seus territórios e fora destes, quanto para o aperfeiçoamento das políticas públicas voltadas aos povos indígenas.

Agradecimentos

A todo o povo indígena Tremembé da Barra do Mundaú, especialmente às mulheres envolvidas nesta pesquisa, aos profissionais de saúde que se disponibilizaram a integrar este estudo, a minha instituição de trabalho CETRA, a FIOCRUZ Brasília, a Doutora Profa. Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo e a Doutoranda Pesquisadora Bianca Coelho Moura, a todos os meus amigos e a minha família que foram essenciais pilares nessa caminhada.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Bruna D X de A. afirmação de territorialidades através de saberes e dos usos de plantas medicinais pelas mezinheiras do Cariri Cearense. In: **VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária**, 2017, Curitiba, PR.

FERREIRA, Luciane O. A emergência da medicina tradicional indígena no campo das políticas públicas. **Dossiê Brasil - Alemanha: Relações Médico-Científicas. Hist. cienc. Saúde-Manguinhos**. 2013, Mar; 20(1).

LASMAR, Cristiane. Mulheres Indígenas: Representações. In: **Periódicos UFSC**. Florianópolis, 1999.

NÓBREGA, Luciana. Um encontro entre mulheres ou da necessidade de descolonizar os feminismos a partir das mulheres indígenas. **Mimeo**. 2021.